

Preço de serviços cairá mais que industrializados

Os aluguéis devem prosseguir em trajetória de queda e as mensalidades escolares tendem a ter reajustes menores

Christiane Bueno Malta
de São Paulo

A crise das bolsas internacionais, o impacto da alta dos juros e o aumento do Imposto de Renda, simultaneamente a um cenário de inflação estável, deverão provocar uma redução de preços mais acentuada nos produtos chamados non-tradables – não comercializáveis, como serviços e tarifas públicas – do que nos tradables – os comercializáveis, competitivos e oligopolizados –, proporcionando uma verdadeira reviravolta no mercado. A avaliação é quase uma unanimidade entre economistas.

O economista Heron do Carmo, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) do município de São Paulo pesquisado pela USP, acredita em ajuste mais acentuado dos preços dos non-tradables em comparação aos dos tradables daqui para frente. Ele explica que, como neste ano os non-tradables subiram 8%, enquanto os tradables apenas 1%, já era esperada a queda dos primeiros.

Marcelo Allain, economista do BMC, concorda com a constatação. E cita dois exemplos dessa trajetória: os aluguéis – embora já estivessem em queda antes do pacote e da alta dos juros –, e, as mensalidades escolares, que agora devem ter um reajuste menor do que o previsto. Contudo, uma visão nítida desse cenário deverá ser possível somente nos próximos meses, acrescentou.

O corretor Dionysio Pastore, do departamento de locação da agência Jardins da Camargo Dias, disse que os preços dos aluguéis estão caindo principalmente em bairros menos nobres, mas a tendência é de uma retração generalizada. Pastore aponta como principais causas da tendência, a elevação dos juros, que acabou contribuindo para a maior inadimplência dos locatários, e, as maiores facilidades para o financiamento da casa própria.

Na agência do Limão, por exemplo, contou a gerente de locação Regina Pires, os apartamentos de dois dormitórios, que em outubro eram alugados entre R\$ 550 e R\$ 600, hoje, com muito custo, são alugados na faixa de

R\$ 400 a R\$ 500. “Até os condomínios estão baixando”.

O Colégio Antoine Saint Exupéry, da pré-escola até o segundo grau, no Morumbi, já está estudando uma redução no valor da mensalidade dos módulos da pré-escola que tenham uma carga horária reduzida. Além disso, deverão oferecer um reforço na parte pedagógica, com aulas chamadas de “resgate curricular”, à tarde, para alunos com alguma defasagem, informou uma coordenadora.

A economista do Lloyds Bank, Luciana Fagundes, contudo, acredita que “os preços dos serviços podem até continuar a registrar quedas, mas estas não serão de grande monta, e, dificilmente ultrapassarão as reduções dos preços dos produtos oligopolizados ou dos públicos. A tendência é que os preços dos serviços fiquem acima em relação às reduções dos preços dos industrializados”.

Luciana disse ainda que na escala dos produtos que dão maior sustentabilidade à inflação, os serviços estão em segundo lugar, após os preços públicos. Só em terceiro lugar aparecem os oligopolizados; em quarto os competitivos (produtos in natura e semi-elaborados) e finalmente, os duráveis (eletroeletrônicos, eletrodomésticos etc).

Conforme o levantamento do Lloyds, os preços dos serviços no primeiro ano do Plano Real apresentaram variação positiva de 71,02%; em 1996, 19,21% e, em 1997 até outubro, apenas 5,99%. A expectativa para 1998 é que mantenham pouca variação. “Há

uma pressão de alta no começo do ano e em julho, mas, também como os reajustes têm como base a inflação passada, eles não terão margem para grandes aumentos”.

Os preços dos oligopolizados, por sua vez, apresentaram brusca variação de 1995 para 1996, baixando de 20,05% para 2,8%. Neste ano, até outubro, a variação é de 2,75%, devendo manter-se nesse patamar no próximo ano.

Nem mesmo a alta dos juros ou as medidas do ajuste fiscal, segundo Luciana, alterariam essa relação. Para ela, apenas uma mexida cambial poderia influenciar esse grupo de preços (serviços). Por isso, as projeções de inflação do



Heron do Carmo

Lloyds Bank não mudaram, continuando em 4,5% em 1997, e entre 3,5% e 4%, em 1998.

Os preços dos serviços públicos, mostra o levantamento, também estão retraindo-se, porém, de forma mais amena. Em 1995, oscilaram 21,08%; em 1996, 23,97%; em 1997 até outubro 11,38%. A previsão para 1998 é de que devam continuar caindo, diante das privatizações nos setores de energia, telecomunicações, água e esgoto, mas ainda serão responsáveis pela sustentação da inflação.

“Os preços dos serviços, que dependem basicamente das condições do mercado interno, hoje, com a massa salarial diminuindo, enfrentarão pressão adicional para a queda. E a crença de que o governo deverá continuar com a desvalorização cambial em torno de 7% ao ano, por outro lado, pressionando os preços dos in-

dustrializados, levará a uma inversão das curvas de preços dessas duas categorias de produtos. Os tradables ficarão mais altos do que os non-tradables”, rebate Heron, acrescentando que isto pode configurar uma tendência em um ou dois anos.

O economista advertiu ainda, que a crise das bolsas internacionais, acompanhada da desvalorização cambial das moedas dos países asiáticos, proporcionou uma vantagem para alguns tradables – como TVs, computadores etc –, que dependem de matéria-prima importada daquela região, que têm consumo no mercado interno. Contudo, para os tradebles consumidos no mercado externo, como as commodities em geral, a desvalorização das moedas asiáticas foi prejudicial por provocarem a alta de seus preços.

O economista-chefe do ING Barings, Mauro Schneider, partilha do mesmo raciocínio de Carmo: “a inflação está num gráfico tão grande de secundariedade, ou seja, o risco de a inflação baixa; ser revertida é tão remoto, que a lógica diante do desaquecimento da economia é que os non-tradables sejam corrigidos para baixo, de forma mais enfática do que os tradables.”

Isso deve ocorrer, explicou Schneider, porque os tradables, embora tenham uma concorrência maior, esta já é conhecida e, por outro lado, seu consumo é estável. “Os bens de supermercado dificilmente sofrerão um corte maior na demanda”. Já os non-tradables, diante da queda de atividade, devem sofrer mais, porque são em sua maioria considerados, nessa conjuntura, bens supérfluos.

Carmo lembrou ainda que na crise mexicana, essa tendência não se verificou porque o cenário econômico nacional era distinto. “Era início do Plano Real, a massa salarial estava crescendo e o câmbio era baixo. Ou seja, havia um grande descolamento entre os preços dos tradables e non-tradables”. Desde a crise do México, continuou Carmo, o governo vem desvalorizando o real, acima da inflação no último ano, pressionando o mercado de tradables, adicionalmente.